

AF — A expansão portuguesa em três fontes: projeto, relato e dados

10.º Ano História A 3 páginas Atividade de fontes

Objetivo: Interpretar fontes da expansão de naturezas distintas — **cartográfica, literária e estatística** — de épocas diferentes (séc. XVI vs historiografia moderna), cruzando-as para captar o projeto, a experiência e o **custo humano**, incluindo os **silêncios** (as vozes ausentes).

Material

Material	Nota
As três fontes (página 2)	descrição, transcrição e tabela de dados
Ficha de registo + caneta	tabela e notas de análise
Ficha 7 de História A (apoio)	contexto: cronologia, tráfico, globalização

Normas de trabalho

- **Distinguir o acontecimento da fonte:** a carta de 1510 fala de 1510; os dados modernos falam do tráfico com olhos de hoje — não misturar as duas «verdades».
- Em fontes quantitativas: perguntar sempre **de onde vêm os números** (arquivo, método, margem).
- Nomear os **silêncios**: quem não fala nesta fonte? (A ausência também é dado.)
- Trabalho em **dupla**: um elemento lê a fonte ao outro e defende a sua leitura antes de concluir.

Procedimento

1. Ler as três fontes sublinhando: **produtor, data, público e foco**.
 2. Preencher a **Tabela de caracterização** (página 2), incluindo a coluna «**voz ausente**».
 3. Para cada fonte, aplicar as **4 perguntas da crítica** — acrescentando, para a fonte C: **de onde vêm os números?**
 4. **Cruzar:** que três dimensões da expansão cada fonte cobre (projeto / experiência / custo) e o que só o conjunto permite afirmar.
 5. Identificar os **silêncios estruturais**: as vozes ausentes nas três fontes.
 6. Formular **uma pergunta histórica** e responder em **5 linhas**, citando as três fontes.
 7. Revisão em dupla: cada elemento aponta uma **fragilidade** da leitura do outro.
- Crítica de fonte** — as 4 perguntas universais: quem → quando → para quê → o que omite. Nesta AF, acrescenta: **de que época é a fonte sobre o acontecimento?** (distância temporal = nova parcialidade) e **quem está ausente?**

As três fontes

Fonte A — cartográfica (mapa) — descrição de uma carta de rota portuguesa do início do séc. XVI (modelo das cartas de Reinel):

«Carta traçada em pele, com rosa dos ventos e rumos; mostra a costa ocidental de África com nomes de portos e fortalezas, o Cabo da Boa Esperança, a rota para a Índia e as ilhas do Atlântico; escalas e notas de profundidades na margem. Não representa o interior do continente.» *Descrição didática de um documento de navegação real (cartas de rota portuguesas, c. 1504–1510).*

Fonte B — literária (relato de viagem) — passagem do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* (relato anónimo da 1.ª viagem, redigido a partir da experiência dos marinheiros):

«Partimos de Belém com três naus e caravelas; passámos o Cabo, onde os mares eram grandes, e chegámos à Índia, a Calicute, onde achámos cravo, canela e muito gengibre, que comprámos por contas e tecidos. A gente da terra era de pouca fé... e não tinham escritura senão de memória.» *Parafrase didático no estilo do Roteiro — travessia, dificuldade e comércio de especiarias.*

Fonte C — estatística (dados demográficos) — quadro de estimativas modernas sobre o tráfico atlântico:

Tráfico atlântico de africanos escravizados (estimativas da historiografia contemporânea, baseadas em registos de portos): **cerca de 12,5 milhões embarcados** (meados do séc. XV – séc. XIX); principais origens: África Ocidental e Central; principais destinos: **Brasil e Caraíbas** (plantations de açúcar, tabaco, algodão). *Quadro de trabalho construído sobre fontes quantitativas modernas (registos navais e arquivos portuários).*

Registo — Tabela de caracterização

Fonte	Tipo	Produtor / data	Público e interesse	Quem está ausente (voz ausente)
A — carta de rota				
B — relato				
C — dados				

Tratamento — modelo de análise (Fonte C, os dados)

(1) **Quem:** demógrafos/historiadores contemporâneos — constróem o quadro a partir de **registos de navios e arquivos portuários**. (2) **Quando:** sécs. XX–XXI — *sobre* o tráfico dos sécs. XV–XIX. (3) **Para quê:** dar **escala** ao fenómeno (memória, justiça histórica, ensino). (4) **O que omite:** a experiência individual (os 12,5 milhões são números, não biografias) e as **margens** — é uma estimativa, com erro, construída a partir de registos incompletos. (5) **Confiança:** a fonte quantitativa também tem método — e método dá credibilidade, desde que declarado.

Leitura cruzada: A é o **projeto** (o mapa que planeia — e omite o interior e as pessoas); B é a **experiência** (o marinheiro que vive — e olha de fora, com o olhar do comerciante); C é o **custo** (os números que nenhum dos primeiros dão). Juntas: a expansão em três dimensões — *o que se quer, o que se vive, o que se paga* — e, por omissão comum, **as vozes africanas e indianas ausentes**.

Análise e conclusão

1. Classifica as três fontes (cartográfica, literária, estatística) e indica que **arquivo** cada uma usa (uso prático, memória, registros).
2. Fonte A: o que o mapa mostra em detalhe — e o que não mostra? Porque é que um mapa é também um **documento de projeto** (e não retrato neutro)?
3. Fonte B: quem fala e para quê? Identifica um elemento de **glória/dificuldade** e um **juízo sobre os locais** («de pouca fé») — como usar o relato sem o tomar por verdade inteira?
4. Fonte C: por que razão uma fonte estatística **moderna** não é «anacrónica»? O que a torna credível e que limitação declara (estimativa, arquivos incompletos)?
5. Cruzamento: atribui a cada fonte uma dimensão (projeto / experiência / custo) e formula uma afirmação sobre a expansão que **só o cruzamento** permite. Depois, nomeia as **vozes ausentes** nas três — e o que elas diriam.
6. Metodologia: um colega diz «os dados valem mais porque são números». Refuta (ou aceita parcialmente) usando as 4+2 perguntas — o que um número precisa de ter para ser fonte histórica.

Conclusão-chave: fontes de **épocas diferentes** sobre o mesmo acontecimento são complementares — mas cada uma fala da sua questão (o mapa de 1510 planeia; os dados de hoje medem). As 4 perguntas universais ganham duas aqui: **de que época é a fonte?** e **quem está ausente?** — e é na resposta à segunda que a expansão deixa de ser aventura para se tornar história com custo.

Nota: AF do domínio «interpretação de fontes» aplicada ao Organizador 3, com foco em multiperspetiva (ação estratégica das AE). A Fonte B é paráfrase didática do Roteiro; a Fonte C, síntese de estimativas historiográficas correntes — declarar fonte e método é parte do exercício.